

ENTREVISTA

ENTREVISTADA DESTA EDIÇÃO: CRISTIANE SOARES BASTOS*

Profa. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro**

Resumo

Neste espaço de nossa revista a professora Cristiane Soares Bastos, parceira do GESE, compartilha conosco suas experiências e relata como foi discutir as temáticas de corpos, gênero e sexualidades com crianças, através de um objeto lúdico.

Pergunta: Há algum tempo, as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades têm atravessado a tua prática pedagógica; mas, como foi começar a discutir estas temáticas com crianças dos Anos Iniciais?

Resposta: Foi bastante difícil, com certeza, um desafio. Me lembro até hoje que, antes de começar a primeira atividade que realizei na sala de aula, fechei a porta para que ninguém que estivesse passando pudesse ouvir a minha conversa com as crianças. Me senti bastante desconfortável, afinal eram crianças da Primeira Série, com apenas sete anos. Além disso, tive também que lidar com as minhas dificuldades e limitações para falar publicamente sobre o assunto. Depois o trabalho começou a fluir com mais facilidade e houve uma transformação, tanto do espaço da sala de aula como também da minha postura enquanto professora. A sala da aula tornou-se um lugar em que se podia falar sobre qualquer assunto e eu me aproximei mais dos meus alunos. Houve criação de um laço entre nós.

*Professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Saldanha da Gama.

**Coordenadora do GESE. Professora do Instituto de Educação (FURG). Doutora em Ciências Biológicas.

P: Dentre as experiências que tiveste com a problematização dos corpos, dos gêneros e das sexualidades no espaço escolar, a proposta que ganhou o nome de “Boneco Bruno” obteve destaque e foi amplamente divulgada. Nesse sentido, nos conte um pouco como foi esta experiência. Como as crianças reagiram ao trabalho? Quais foram os limites e possibilidades de uma proposta com este enfoque nos Anos Iniciais?

R: Esta ideia surgiu por acaso, em um dos encontros mensais do grupo de estudos. Uma colega veio com a ideia de levar um boneco para a sala de aula e compartilhou comigo. Como nada se cria, tudo se copia, eu abracei a ideia e fui criando, da minha maneira, as atividades que vêm sendo divulgadas. O mais interessante é que ela também utilizou a ideia do boneco, mas seguimos por caminhos bem diferentes, o que marca a noção de que cada espaço se cria conforme o grupo a ser trabalhado e o enfoque dado pela professora. A experiência com boneco Bruno foi muito legal. Ele entrou de mansinho e transformou-se em um “colega” da aula. Foram tantas atividades enriquecedoras e divertidas: escolher o sexo do boneco, escolher um nome, criar características pessoais, criar uma família e uma história de vida, batizar, doar roupas, visitar casa dos alunos... Foram tantos os desdobramentos!!! Ver a carinha dos alunos a cada atividade realizada... Ver o Bruno passando de colo em colo durante a aula... Ver as crianças reunidas pensando sobre problemáticas da vida... Refletindo sobre as suas próprias vivências... Terminar o ano com uma festa de aniversário para o Bruno... Tudo isso fez o trabalho valer muito a pena. Houve o envolvimento de toda a comunidade escolar: alunos, famílias, direção, colegas... Acho que, para um trabalho desses acontecer não há limites, não importa a série em que vai ser aplicado. O que realmente importa são as possibilidades que vão ser criadas: as discussões, as problematizações... Repensar o fazer pedagógico, trazendo para o ambiente escolar as temáticas da vida que fazem cada aluno ser quem é.

P: Como as famílias e a escola perceberam este trabalho com o Bruno?

R: Com as famílias foi muito tranquilo. Definimos na escola que, durante a primeira reunião com os responsáveis pelos alunos, os pais seriam informados que as temáticas envolvendo as questões sobre sexualidade seriam trabalhadas pelas professoras. Foi o que aconteceu. Durante uma reunião, informei aos presentes e, para a minha grata surpresa, percebi um certo alívio. Vários disseram que seria melhor eu conversar sobre “estes assuntos” com as crianças,

pois se sentiam pouco confortáveis para abordar o tema. Depois, as visitas do Bruno viraram uma festa para as famílias. Todos os dias as mães contavam, na porta da aula, como tinha sido a visita. A escola aceitou bem o trabalho, mas em alguns momentos passei por circunstâncias de constrangimento ou de polêmicas com os colegas.

P: Ao longo do trabalho com o Bruno e após a finalização do projeto, foi possível perceber alguns efeitos desta experiência? Quais?

R: Sem sombra de dúvida, o maior efeito é a mudança que acontece na relação professor/aluno. Passa a haver uma aproximação, o surgimento de uma relação de cumplicidade. Enquanto professora, eu passo a, também, aprender com os alunos, a conhecer a sua realidade, a sua história, a sua forma de pensar a vida e o seu mundo. O aluno passa a me ver como uma pessoa que está ali não só para ensinar a ler e a escrever, no meu caso específico, mas também como uma pessoa que pode mostrar a eles outras coisas, que mata curiosidades, que mostra situações de vida. Há uma troca significativa. O trabalho vira diversão e a diversão vira trabalho.

P: E hoje, após um tempo significativo do desenvolvimento do trabalho com o Bruno, que outras vivências com relação às temáticas de corpos, gêneros e sexualidades têm estado presentes na tua sala de aula?

R: Hoje não tenho trabalhado com projetos longos, como foi o do Bruno. Mas cada vez que surgem as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades, paro a aula e começo a conversar com os alunos. Mas não é como o trabalho que foi realizado na época. Com certeza, hoje me falta o suporte e o entusiasmo que encontrei no grupo de estudo (GESE) do qual fiz parte durante um bom tempo. Aquele período de encontros e troca de experiências alavancou todo o trabalho daquele período. Mas as temáticas estão cada vez mais presentes na sala de aula. As realidades de hoje são bem diferentes. Assim como o Bruno cresceu e se tornou um “pré-adolescente”, eu mudei, minhas práticas pedagógicas também mudaram, as situações de sala de aula também mudaram. Este ano percebi que é necessário voltar a trabalhar com o assunto, pois ele está muito “à flor da pele” na comunidade onde eu trabalho. Preciso reencontrar o foco e inserir novamente nas minhas aulas um projeto consistente como foi o do Bruno.